

JOSÉ DE ALENCAR

PERIÓDICO CIENTÍFICO-LITTERÁRIO

BIBLIOTECA NACIONAL
S. I. R.

604
1954

ADM.

EXPEDIENTE

REDACTOR CHEFE—Manfredo Afonso.

REDACTORES:—José Nava, Alencar Mattos, Frota Pessoa e Antonio Fernandes.

O José de Alencar publica-se nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

Qualquer correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da Redacção—á rua Tristão Gonçalves, n.º 116.

Não serão devolvidos os autógraphos, ainda que não sejam publicados.

ASSIGNATURA

Por mez \$1000
Pagamento adiantado.

JOSÉ DE ALENCAR

20 DE JANEIRO DE 1893.

..... Lançae n'aza dos ventos
Gritos, revoluções, idéas, pensamentos,
Como um bando immortal de grandes
(guias brancas.
Vós sois no fim de todas as rijas alavancas
Que hão de erguer este globo ao nível
(do Ideal.

GUERRA JUNQUEIRO.

No vasto drama das sociedades humanas, surgem scintillações fulgurantes, meteoros luminosos, que se embalam no azul ethereo da Historia!

São genios crepitantes que se esvahiram na penumbra rosea do infinito; são sóes coloridos que se perderam na incommensurabilidade da Esphera!

Ha uma nota ethereamente grandiosa e ideal nas magicas expansões desses rubros clarões, que illuminaram a noite de outras eras!

Eles foram o archétypo virginal dos mais inebriantes e elevados sentimentos:—o amor á Natureza e o amor á Liberdade!...

Sentiram as vibrações scismadramente poeticas desse mundo de eterna harmonia: e é por isso que ainda vivem no coração dos povos, aureolados de luz!

«São os adoradores do Bem os adoradores da Liberdade!

O dia d'amanhã repetirá eternamente os seus nomes nos hymnos d'alvorada; e quando a noite dor-

pir no seio das estrellas, verã constellações que digam que elles são filhos deste Céu!»

Esses genios fulgidos elevaram-se ao zenith da gloria pelo estudo e pela contemplação da natureza, pelo sentimento sagrado da liberdade!

«A natureza—diz Feuchtersleben—não tem senão pensamentos sublimes; meditando-a, o homem eleva-se ao nivel della.

O átomo aprende a conhecer a sua fraqueza, e ao mesmo tempo regosija-se na sua existencia porque se sente viver na harmonia eterna.

A natureza, com as suas leis immutaveis, ensina a justiça, e é benéfica ainda quando aniquila.

E' no seio della que se acham a verdade, o repouso e a saude.»

Foram inspirados pelo estudo e pela contemplação da natureza que os genios transcendentaes da humanidade—Copernico, Galileo, Képler e Newton—descobriram as leis da Harmonia Universal!

Foi o sol radiante da liberdade que fez de Hermann—o defensor entusiasta da autonomia germanica; foi o sol da liberdade que elevou Washington ao pantheon da immortalidade—no meio de uma admiração universal; foi o sol da liberdade, emfim, que fez do bravo e magnanimo Poniatowski—o Bayard Polaco!...

Humboldt estudou com entusiasmo a cordilheira dos Andes, subindo até ás grimpas do Chimborazo:—espírito investigador—procurava haurir no coração dos Andes—o segredo das leis physicas da Terra.

Wordsworth procurou retemperar-se no encantador aspecto dos campos—cantando apaixonadamente os celebres lagos do Westmoreland.

Walter Scott—o immortal—foi outro grande amante da natureza: celebrizou em suas produções as scismadoras paizagens da Escocia e os seus virentes e poeticos lagos.

Chateaubriand viajou durante um anno pelas florestas virginaes da America do Norte ao lado dos selvagens; e foi ahi—no seio das solidões do Novo—Mundo—que elle bosquejou o seu sublime romance poetico—os Natchez—publicado na Europa em 1825.

Atala—outra produção que excitou uma admiração universal—tambem foi inspirada na America—na vida selvagem dos indios americanos.

Emfim, foi nas deliciosas solidões de Eyndegeest ou no bosque encantador da Haya—que o celebre Descartes concebeu a reforma da philosophia—fundando a psychologia moderna.

... e para que o progresso seja real, é essencial—o ensaio. A superioridade intellectual depende em grande parte do esforço empregado no estudo, da perseverança na applicação, do animo, emfim.

Voltaire sustentava haver apenas um pequeno intervallo entre o homem de genio e o de intelligencia vulgar; e Buffon dizia: o genio é a paciencia.

Newton, quando escolar, era um dos ultimos alumnos e, não obstante, veio a ser o maior sabio!

Walter Scott enquanto estudante era muito amante do pugilato e pouco se adiantava nos estudos—fulminando, posteriormente, o triste conceito que delle formava o professor Dalzell.

Humphry Davy—grande chimico inglez—não manifestara intelligencia notavel na sua mocidade.

Képler, com o vastissimo genio de que dispunha, empregou nada menos de 17 annos para estabelecer as tres leis planetarias!

Newton—octogenario—affirmava que não tinha coihido senão—algumas conchas—no grande oceano da Verdade.

E finalmente, eis as ultimas palavras de Laplace—o celebre continuador de Newton: o que conhecemos é pouco; é immenso o que ignoramos.

Queremos provar com o exposto—o seguinte: em primeiro lugar que—mesmo os homens de genio extraordinario—deveram sua sublimidade a um estudo profundo; em segundo lugar que—si os grandes sabios como Newton e Laplace affirmam serem os nossos conhecimentos infinitesimos, em relação á immensidade desconhecida—não admira ignorar alguma coisa, quem nunca sonhou ser um sabio!

Mas entretanto... muita gente ha que apenas estréa—publicando um livro de versos sem poesia, ou um romance sem colorido e sem interesse—já tem a ridicula pretensão de ser algum Béranger ou Walter Scott.

Infelizmente para elles, não passam realmente do que são!

A segunda asserção não tem fundamento algum:—dizem nada termos crendo em sciencia!

Em sciencia não se crêa nada—sem ser um genio: e nós não o somos nem ha—sinceramente fallando—genio algum actualmente no Brazil.

Isso de criação, em sciencia, deixa-se para algum Newton, Pascal ou Flammarión: não é para qualquer soneteiro!...

O merito de um escriptor scientifico consiste no seu estylo, no seu methodo, na correcção da sua phra-

... e para que o progresso seja real, é essencial—o ensaio. A superioridade intellectual depende em grande parte do esforço empregado no estudo, da perseverança na applicação, do animo, emfim.

Voltaire sustentava haver apenas um pequeno intervallo entre o homem de genio e o de intelligencia vulgar; e Buffon dizia: o genio é a paciencia.

Newton, quando escolar, era um dos ultimos alumnos e, não obstante, veio a ser o maior sabio!

Walter Scott enquanto estudante era muito amante do pugilato e pouco se adiantava nos estudos—fulminando, posteriormente, o triste conceito que delle formava o professor Dalzell.

Humphry Davy—grande chimico inglez—não manifestara intelligencia notavel na sua mocidade.

Képler, com o vastissimo genio de que dispunha, empregou nada menos de 17 annos para estabelecer as tres leis planetarias!

Newton—octogenario—affirmava que não tinha coihido senão—algumas conchas—no grande oceano da Verdade.

E finalmente, eis as ultimas palavras de Laplace—o celebre continuador de Newton: o que conhecemos é pouco; é immenso o que ignoramos.

Queremos provar com o exposto—o seguinte: em primeiro lugar que—mesmo os homens de genio extraordinario—deveram sua sublimidade a um estudo profundo; em segundo lugar que—si os grandes sabios como Newton e Laplace affirmam serem os nossos conhecimentos infinitesimos, em relação á immensidade desconhecida—não admira ignorar alguma coisa, quem nunca sonhou ser um sabio!

Mas entretanto... muita gente ha que apenas estréa—publicando um livro de versos sem poesia, ou um romance sem colorido e sem interesse—já tem a ridicula pretensão de ser algum Béranger ou Walter Scott.

Infelizmente para elles, não passam realmente do que são!

A segunda asserção não tem fundamento algum:—dizem nada termos crendo em sciencia!

Em sciencia não se crêa nada—sem ser um genio: e nós não o somos nem ha—sinceramente fallando—genio algum actualmente no Brazil.

Isso de criação, em sciencia, deixa-se para algum Newton, Pascal ou Flammarión: não é para qualquer soneteiro!...

O merito de um escriptor scientifico consiste no seu estylo, no seu methodo, na correcção da sua phra-

seologia: não é condição essencial a — criação — que não é para todos.

Compreende-se a criação — em romance, em theatro, em poesia — que são lampejos da imaginação — e esta é vasta como o oceano!

A ultima asserção é tambem ridicula — como as precedentes: — dizem que o nosso periodico não é apreciado pelo povo — porque traz assumptos serios e importantes — isto é — porque se occupa das letras e da sciencia!...

Si a razão é, como dizem, a falta de instrucção e de estímulo popular pela litteratura e pela sciencia — é inteiramente infundada.

Ora, si o povo não tem sciencia nem gosto pelas letras — nada mais logico do que acordar sua imaginação e sua vontade — lethargicas, pela vulgarisação das sciencias e das letras!...

Uma nação só é verdadeiramente feliz — quando sua população sente, pensa e se entusiasma pelo que é mais adoravel e sublime: — a Natureza e a Sciencia!

O mundo marcha — diz Pelletan — e nós não devemos permanecer neste gelo, neste indifferentismo mortal!...

Homens, sede amantes da Natureza e da Sciencia!...

..... «As vossas regias fronteiras São feitas para vêr o palpar dos sóes.»

«Sim! um intuito occulto as gerações agita, No seu seio prepara um fecundo porvir. E o pensamento humano alarga-se, crepita, Ao latente calor dos sóes que hão de surgir.»

SECÇÃO SCIENTIFICA

CAMILLO FLAMMARION

«O' Urania! que vale o resto das idéas humanas perante a sciencia! Sombras, phantasmas!»

Flammarion! eis o nome de um sabio, eis o nome de um propagador da sciencia!

Na Astronomia contemporanea descreveo uma trajetoria luminosa, cujo longinquo aphelio transpez no meio de uma estupefacção universal!

Amante inexcedivel da natureza, genio admiravelmente extraordinario, atirou-se para as profundezas do espaço, descobrindo horisontes novos á Astronomia contemporanea; illuminando a penumbra indecisa das solidões interplanetarias; robustecendo a doutrina da universalidade dos mundos habitados; vulgarisando em toda a esphera da intellectualidade humana — um enthusiasmo febricitante pela sciencia do Céu!

A ardentia da natureza opulenta de Flammarion transluz-se vivamente nos encantos de sua phraseologia sublime: — é que a linguagem do entusiasmo é a unica conveniente para expressar o pensamento dos que adoram a natureza! é que a consciencia sincera da nosa opinião nos enche de um ardor insolito!

Flammarion — sabio de incontestavel merito — teve a gloria de resolver um problema até então inexplicavel na Astronomia.

O grande Képler descobrira as

leis planetarias; Galileo, as leis que regem a queda dos corpos; e Newton remontara ao principio geral donde se originam umas e outras: — a attracção universal!

Os factos geraes da sciencia astronomica achavam-se, pois, satisfactoriamente explicados; mas ainda restava um, que nenhum astro nomo conseguira resolver.

Sabemos que as rotações planetarias apresentam diferenças notaveis entre si; — mas a causa permanecia desconhecida, ficando os planetas fóra das leis da Harmonia Universal.

A Terra emprega 24 horas e seu movimento de rotação; Jupiter, 9 horas e 55 minutos; Venus, 23 horas e 21 minutos; Saturno, 10 horas e 30 minutos: — mas ainda não se havia descoberto a causa dessas diferenças nas rotações planetarias.

Flammarion apresentou á Academia Franceza, por intermedio de Delauney, um importante trabalho em 1870, em que discutia — a rotação dos corpos celestes.

Foi ali que elle explicou a lei até então desconhecida sobre a diferença das rotações planetarias

Essa lei tem um enunciado simples e profundo; eil-o:

«O movimento da rotação dos planetas é uma applicação da gravitação ás suas respectivas densidades»

Muitos accusam Flammarion pelo excesso de imaginação, considerando como puramente phantasticas as suas theorias sobre «Vida Universal» — as quaes, segundo elles, transpoem os limites da sciencia pura.

Mas não tem razão os adversarios de Flammarion; porquanto suas doutrinas são fundamentadas nas mais recentes descobertas astronomicas, nas ultimas investigações da physica geral.

Tem-se examinado mesmo meteorolithos em que se encontraram vegetaes carbonisados, o que prova que vieram de mundos onde tambem ha vegetaes e, existindo atmosfera e vegetação — é quazi certo tambem existirem animaes, como na Terra.

Por isso Flammarion estabeleceu o seguinte principio:

«O estudo da natureza faz nascer e consolidar no espirito do homem — a idéa da pluralidade dos mundos.»

Talvez o seculo XX consiga revelar-nos plenamente, irreprehensivelmente, a evidencia da pluralidade dos mundos — servindo-se dos telescopios monumentaes que de dia a dia se vão construindo na Terra.

Então verificaremos de visu os signaes directos da existencia de outras humanidades planetarias.

Oh! como não seria agradável e surpreendente a perspectiva de outras humanidades planetarias, a través do azul poetico do Céu!

Em breve a sciencia convencerá os descrentes da Verdade: — a Terra não é a rainha do Universo!...

Camillo Flammarion nasceu em Montigny-le-Roy (Alto-marne, vizinhanças do Mosa) em 1842, e tem por conseguinte, 51 annos de idade.

Havia estudado no pequeno se-

minario de Langres, ao começo, terminando seu estudo em Pariz.

Em 1858 ficou como membro do Observatorio de Pariz (discipulo astronomico); fazendo parte da Commissão das Longitudes pelo espaço de 4 annos.

Terminado esse tempo, Flammarion desligou-se do Observatorio, para entrar noutra phase mais gloriosa e mais util.

Publicou então a *Pluralidade dos Mundos Habitados*, obra que teve um ruído e descommunal successo (1862).

Desse periodo data a gloria do astronomico adoravel, que hoje é universalmente respeitado na Europa, pelo seu saber e enthusiasmo.

Em 1865 collaborou e dirigio a parte scientifica d'*O Seculo*.

Inutil seria acrescentar que Camillo Flammarion faz parte de quazi todas as sociedades sabias do mundo, e de muitas sociedades vulgarisadoras das sciencias.

Entre outras obras que tem publicado, mencionaremos as seguintes:

Pluralidade dos Mundos Habitados (1862); *os Mundos Imaginarios* (1864); *Maravilhas Celestes* (1865); *Deus na Natureza* (1866); *Narrações do Infinito* (1873); e finalmente, *Urania*, etc.

Camillo Flammarion é um sabio profundo; — nas sabio que comprehende as verdades grandiosas da Natureza; que experimenta emocções na contemplação do Infinito; que se perde nos *dezertos azues*, para auscultar os segredos dos mundos que rolam no espaço!

Não é um sabio de gelo: — é um sabio de amor!...

MANFREDO AFFONSO.

Philosophia da Historia

Todas as sciencias formam um accordo de que a philosophia é a unidade.

Póde-se considerar a Historia como fazendo parte do conjuncto das sciencias?

Não, como muito bem respondeu Schopenhauer, porque carece ella do caracter fundamental da sciencia: a subordinação dos factos e das coisas.

A Historia é individual ao passo que as sciencias são especificas.

Para Schopenhauer a Historia é a mesma, sob formas diferentes.

O que ha de essencial na vida do homem está contido no presente.

Para a Historia esse presente é um fragmento que deve ser completado pelo passado e ao qual se junta um futuro sem fim.

A verdadeira philosophia consiste — em procurar na Historia o que é immutavel!

O estudo philosophico da Historia depende do estudo do homem, do microcosmo.

Comte e Buckle acreditaram na possibilidade da sciencia da Historia. H. Spencer nega tal possibilidade. E no entanto os dois primeiros negam o caracter de sciencia á psychologia, enquanto H. Spencer pensa o contrario.

Ha entre esses escriptores — como diz Sylvio Romero — contradicção e incoherencia. Si considerarmos a Historia como mera narração de discursivados acontecimentos, pó-

de-se dizer que são rigorosamente scientificas e racionais os processos que a mesma emprega, e são grandes e poderosos os recursos de que dispõe para averiguar os factos determinar as relações que ha entre uns e outros e o logar de cada um no tempo e no espaço — ainda quando seus documentos estejam obscurecidos e sumidos no seio da terra.

Si assim fosse, si a Historia fosse meramente *discursiva*, não haveria nella — o caracter philosophico.

Os estudos historicos entraram modernamente numa phase de exame e de critica; e, si tiveram que regeitar fontes de informação em que antes bebia a ignorancia, descobririam outras donde têm mandado conhecimentos que pareciam fóra do alcance da intelligencia.

O fim da Historia será a na rração exclusiva dos factos?

Não. Copernico e Galileo reconheceram e provaram que os corpos celestes giravam em orbitas fixas; todavia, a astronomia exigio de Képler e de Newton que descobrissem as leis desses movimentos.

A Historia hoje não póde ser escripta sem o auxilio de muitas sciencias, como sejam a anthropologia, a ethnographia, a philologia e muitas outras.

Mas estão porventura determinadas as leis que regem a Historia? Devem existir leis que nos guiem no caminho da vida.

Deve existir uma mechanica social, porque a sociedade é a continuação da natureza, mas essa mechanica ainda não teve o seu Képler ou Newton.

A philosophia da Historia quando deixar de ser um tecido de hypotheses, mais ou menos engenhosas, fundadas em algumas verdades demonstradas, ha de revelar-lhes a formula perfeita da constituição social, que ellas debalde procuram por processos abstractos de especulações.

Para o sabio inglez as leis que dirigem a Historia são physicas e mentaes.

Haverá leis para o espirito humano diferentes das que ha para a Historia? Não. Seguimos a opinião de Sylvio Romero, que sustenta na classificação das sciencias haver tres classes: sciencias propriamente ditas, taes como as mathematicas, a astronomia, etc; quasi sciencias — como a psychologia, a Historia, etc; e falsas sciencias, como a metaphysica e a theologia classica.

JOSE' NAVA

SECÇÃO LITTERARIA

FREMITOS

Julietta era a constellação de maior brilho, de mais scintillação que surgiu na cidade.

Numa bella tarde de Maio, quando o sol pouco a pouco morria e a noite lentamente ennegrecia o bosque, ella se achava num «caramanchão» conversando com o seu amante.

Estavam debaixo de um céu cor de bronze...

Os raios da lua penetravam

por entre as folhas virentes, reflectindo-se indecisos na solidão da selva .,

—Então, estas decididas a amar-me? perguntou-lhe o amante com a voz offegante.

—Sim, respondeu-lhe ella: estou disposta a amar-te, a sentir o arfar do teu coração...

O amante, ébrio de amor, allucinado de paixão, abraça-a e beija-lhe a face angelical.

E nesse momento se ouve o trinar dos passaros, que se confundio com os heijos sensuaes do amor...

ALENCAR MATTOS.

MORENA

Adoravel!...

Vão se harmonizando em flexuosas linhas geometraes as voluptuosas formas do seu fresco corpo de andaluza.

Morena, mas de um moreno roseo ardente.

O sangue novo e forte advinha-se na coloração de nacar da polpa macia das faces.

Sente-se, ao vel-a, uns estremecimentos espasmodicos, uns selvagens impetos de apertar e morder a rijeza estonteadora daquella epiderme vigorosa e tepida!

Quazi creança:—está nessa elaboração organica que gera voluptuosas ondulações no andar, imprime á voz exquisites vibrações insinuantes, produz flaccidos-reviveramentos palpebraes...

O talhe recto e breve da bocca vermelha, humida, delicada, transpirando a mornidão inebriante de rosmahinosem flor do halito sadio; labios de petalas virentes, idealmente ensopados da doçura de jambo rachado, despertam tempestuosamente—bravias avalanches de beijos...

Sobretudo os olhos, suavemente ovaes, serenos, claros, sombreados pela curva dos luzidios supercilios tenues... e aquelle olhar calmo e lento quando semi-cerra as papebras em uma vaporosa languidez esmagadora e doce...

A voz limpida, tem intonações de crystaes chocando-se e estalos sonoros de violino saltitando em uma aria incandescente de Offenbach!...

Os seios, como duas redomas electricas—involucros do amor—arqueiam-se lubricamente rijos, virginalmente hirtos...

Viva e risonha.

Um riso fugidio e guapo, abrindo a maciez floral dos labios deixa ferir a retina com as scintillações de esmalte dos dentes alvissimos e puros.

Aquella rara perfeição de contornos, esfuma no espirito umas recordações indecisas do feliz tempo de Cleópatra e de Psyché!...

BOMFIM SOBRINHO

A' L'AVENTURE

Gosto do café, embora esteja caro,
De bons charutos e de tambem dinheiro;
Tenho paixão por tudo quanto é raro,
Gosto do homem bom e verdadeiro.

Gosto do passeio á tarde ou á noitinha,
Saio da materia—vou alem voar;
Separo um canto á cara bonitinha,
Gosto das morenas, gosto do luar!

Gosto do romance e musica allemã,
Da pintura de Van Dick e de Murillo;
De Ortigão a prosa—poetica aldeã,
Gosto da Psyché e da Venus de Milo.

Gosto de Garrett, sympathiso com Junqueiro:
De tudo quanto é bom que hei falado,
Faço por ora aqui um paradeiro.

Aborreço, enfim, do romantismo a escola,
Torna-se o universo do que se tem passado:
Odeio os pince-nez e os tolos de cartolla!

CARLOS SEVERO.

SONETO

Si acaso meu semblante tem tristeza,
E nelle divulgaes noite escura,
Nem t'afflijas: são raios d'amargura,
Havendo n'alma, fé, crença e firmeza.

Não desanima a mim, futil fereza,
Não a julgo do céu justa sentença!
Pois em minh'alma predomina a crença
E a pura fé que deu-lhe a natureza.

Não vemos, nos tufões, folhas nos ares
Que s'elevão acima dos palmares
Soberbas e depois fazem-se ao chão?

Pois olha: assim é a injustiça:
A sombra; d'um orgulho que lhe atica

Cresse; cahindo, enfim, sob o perdão!

15 de Janeiro de 1893

TOBIAS LIMA.

A CAIPORA

(LENDAS POPULARES)

E'caboclinho feio,
Alta noite na mata a assoviar;
Quando alguém o encontra nas estradas
Saltando encruzilhadas,
Se põe a esconjurar!

E'alma de um Tapuio
Fazendo diabruras no sertão...
Cavalgando o *queixada* mais bravio,
Transpõe valles e rio
Com um cachimbo na mão!

Assombro das manadas,
Enreda a onça em moitas de cipó;
De montanha em montanha vai pulando,
Vai quasi que voando,
Suspenseo num pé só!

Ao pobre viandante
Assombra e ataca em meio do caminho;
E pede fumo e fogo, e sem demora
Lhe mostra a Caipora
Seu negro cachimbinho.

Servido no que pede,
A contas justas, s'afa-se a correr...
Do contrario, si fica descontente,
De coegas a gente
Faz rir até morrer.

E'caboclinho feio,
Alta noite na mata a assoviar;
No Norte, diz o povo conveccido:
—Não indo prevenido
Não é bom viajar!

MELLO MORAES.

FOLHETIM AO COMPRIDO

O SEculo VINTE E UM

POR

CARLOS SEVERO

Summario: Um heróe como os outros. Effeitos do hypnotismo. Galope através dos seculos. Somno produzido pelas injeções de Brown-Sequard. Bom Tom, na Loteria, capital da Republica dos ganho frouxos. Progreso do seculo vinte e um.

1

Um novo Hermann, com o peito sobrecarregado de medalhas de todos os paizes, chega a Pariz.

Só pela noticia, recebe-o uma commissão da academia de Sciencias.

O orador é bom Tom, sabio de indescutivel encyclopedia, destinado a representar um importante papel na historia universal. O grande hypnotisador, chama-se French.

Occupando um dos salões da academia, fallou sobre o assumpto.

Trazia uma recommendação de pedra e cal e taes cousas fez nesta apresentação que todos os laureados do gremio ficaram boquiabertos e corridos. Aquelle homem fallava tão bem; desenvolvia com tal facilidade seu problema; trazia a terra tão vivo os mystrios dos mundos desconhecidos, que o maior sabio da epocha ficou suppondo que elle era o apogeu dos conhecimentos humanos.

Pode-se dizer, que era o ideal que a mais alta sciencia procurava entre o cadinhodosconhecimento geraes! era o progresso em seu mais alto grau; era a sciencia do futuro

personificada em French, o hypnotisador!

D'onde partia tudo isto? De um heróe como os outros! O novo Hermann, por meio da suas maravilhosas sciencias e artes occultas, atrevia-se a transportar qualquer ser humano para o seculo vinte e um. Bom-tom tomou a palavra e offereceu-se para servir de experiencia ao arrojado projecto do grande heróe: por esta maneira esperava pegar o estrangeiro na mentira. French respondeu que estava disposto a fazer e provar o que dizia; mas no meio de numeroso concurso de gente.

Com effeito: os mesmos salões da academia, serviram para tão celebre funcção. French, deo o somno preciso ao sabio; mas quando este quiz protestar, faltou-lhe a voz: a lingua paralisou-se na bocca e um somno de chumbo fel-o cahir sentado numa poltrona. Comtudo, advinhara que tinha sido o seu lethargo, motivado por uma injeção de Brown-sequard.

Então, pesada e negra noite cahiu sobre sua vista. Ouvira os ultimos sons das vozes d'aquella reunião.

Algumas scintellas de luz, passaram ao longe como faróes dispersos em mar tempestuoso.

Achou-se só, na negridão da procella do pesadello. Sentiu-se arrebatado por um cavallo arabe ou outro animal semelhante, correndo por um extranho deserto. Todo qualquer som, retumbava como um abuz ocô e desconforme.

O tropel tinha semelhança de trovoadas espantosas rolando pelo es-

paço! Corria sempre. Parecia impellido pelo terror de uma devastadora tromba de areia! Muitas horas, muitos dias, talvez muitos epochas, decorreram nesta marcha ruidosa. Sentiu atravessar todas as zonas do globo. Por toda parte, cortava regatos em vez de rios, lagos em vez de mares, monticulos de areia em vez de montanhas.

Até o sol—como uma pequena moeda de ouro, um pequeno vagalume, perdia-se na immensidade do vacuo!

Das grandes capitães não restava mais que um pequeno traço luminoso. Envolveia tudo uma atmosphera opaca e semi-luminosa.

Cahia ao longe em massa humida a idéa da segunda vida, envolta num pesadello, como um derradeiro fremito de ondas sonoras. Era o degelo do lethargo.

Por fim, accordou.

Rolou no espaço uma gargalhada. Um homem suspendia no ar uma immensa cortina, descobrindo um esplendido panorama.

Tal como um panno de bocca, com que os pintores costumam adornar os theatros das grandes capitães.

Este homem, era French, o hypnotisador. E bradou:

O anno dois mil!...

E soltando essas palavras desapareceu subitamente.

Uma grande cidade, cinco vezes maior do que Londres, estendia-se numa planicie, envolta n'uma densa atmosphera de fumo evolada das fabricas.

(Continúa)

GOTTAS DE ORVALHO

As mulheres adoram as aventuras e sobretudo os aventureiros.

Goethe.

Desconfie da mulher que falta muito da sua virtude.

Balzac.

Não ha barreiras que possam dizer ao genio que desfere o vôo: não irás mais longe.

Beethoven.

A imaginação é a mãe dos sonhos, é a mãe da poesia. Sem poesia acaba a elevação.

Fenchlersleben.

A virgem é o perfume que inebria: tem o encanto d'aurora e o sorriso do amor.

Manfredo Affonso.

Os praze es, mesmo os mais doces, têm depressa um termo.

Paulo de Keck.

No leito consiste todo o casamento.

Balzac.

O poeta tem a obrigação de ser um homem do seu tempo. É necessario que as suas odes, isto é, que os seus sentimentos estejam exactamente parallelos aos resultados scientificos.

Guerra Junqueiro.

A mulher é o emblema do sentimento.

Josias Lima

O seio da mulher é um oceano de volupia.

Manfredo Affonso.

SECÇÃO NOTICIOSA

CAPITÃO ANTONIO BEZERRA

Falleceu ha dias nesta capital o capitão reformado do exercito—Antonio Duarte Bezerra.

Era um dos mais distinctos filhos da terra de Iracema que ora se enluta ante o seu tumulo.

Encetou sua carreira na Escola Militar do Rio de Janeiro, onde se tornou conhecido pela sua lucida intelligencia—sendo promovido aos 17 anos de idade—a alferes.

Mathematico profundo, espirito investigador, character elevado—o capitão Bezerra era um amigo sincero da mocidade estudiosa, que o extremecia fervorosamente.

Adorador da sciencia e da natureza, entusiasta do progresso—elle trabalhava ardentemente pela evolução intellectual de nossa terra, pela vulgarisação da Luz!

Publicou em 1887 uma arithmetica—bem elaborado trabalho—que se tornou popular.

Mais tarde redigio um jornal dedicado á sciencia—a «Evolução»—que muito concorreu para o desenvolvimento do gosto scientifico em nossa sociedade.

A «Evolução» foi um jornal de existencia ephemera:—porem o melhor que tivémos no Ceará, em materia de instrucção.

musculoso, tinha este rijo velho um que de audacia que infundia respeito. Sua physionomia era pouco agradável e nada bonita. Testa larga, olhos pequenos, nariz achata-do, labios grossos e barba curta compuzeram um rosto todo falto de belleza. Contudo sendo já sexagenario e apenas ha seis mezes viuvo, sentia por Dunamira uma paixão que o fazia estalar de anciedade. Tendo se aproximado catamente da laboriosa rapariga parou fitando-a com ternura, soltando profundos suspiros e parecendo escutal-a com religiosa attenção. Ella cantava jovialmente e na seguinte e enigmatica toada:

Quem quizê sê bem querido

Nom se mostre affeiçoado

Um b c'um a

Arré la c-a cá

Das mulatas c-e cé

Nem qui leve t-o tó

Calbro t-e té,

Qui o amor conhecido

Este é o mais despresado

Um b c'um a

Arre lá c-a çá

Das mulata c-e cé

Nem que leve t-o-tó

Calabro t-e té.

Antonino, assim se chamava o velho, suspirou tristemente e relan-

Foi pae do capitão Bezerra o illustre major—Raimundo Duarte Bezerra o nosso—Bayard de Itoró.

A Redação do «José de Alencar» que se esforça pelo levantamento intellectual da Patria Cearense—curva-se reverente perante o tumulo do capitão Bezerra, engrinaldando de flores sua memoria saudosa!

MELLO MORAES

Abrilhamos as nossas columnas com a esplendida poesia de Mello Moraes intitulada—«Caipora».

Transcrevemo-na da «Revista Anthropologica Brasileira» tão magistralmente dirigida pelo inspirado autor da «Caipora».

É uma lenda mui interessante o popula—entre os habitantes da Amazonia.

«PALLIDAS»

É esse o titulo de um novo livro de poesias que deve sahir brevemente á luz da publicidade, pelo dr. Fernando de Alencar.

O dr. Fernando, que é cearense, se recommenda por seu talento e illustração.

Reside em Barbacena, cidade de Minas Geraes, onde é medico bastante conhecido e conceituado.

Logo que recebemos as «Pallidas», trasmitiremos aos leitores a nossa opiniao a respeito.

Custa cada exemplar 2.000 achando-se aberta a assignatura em nosso escriptorio.

AVISO

As pessoas a quem dirigirmos o nosso periodico, serão consideradas assignantes si no praso de 3 dias, acontar de hoje não o devolver á Redação.

Quando sobre ella olhares febris, deu alguns passos, porem tão vagarosos como se temesse assustal-a. Finalmente resolveu-se a fallar-lhe:

—Bô tarde, Dunamira, como s'á? disse elle com voz adocicada e rubro de paixão.

Só então Dunamira o viu. Levantou a cabeça com espanto, fez no rosto não leves contracções de desagrado e ergueu-se, extendendo a destra ao velho que contemplava com intimativo olhar.

—Minha abença—diz ella seccamente.

—Abençoada seja de Deus. Tra baiando a estas hora?

—Qui tem isto? preciso de trabaia.

—Mas Dunamira, trabaia de mais faz mal a gente.

—Nunca senti mal que o trabaio me fizesse, graças a Deus.

—Mas pode senti ainda, pode emmagrecê, adoecê e até ficá véia antes de tempo.

—Destaveice non tem eu medo.

Dunamira fallava com enfado, e portanto Antonino achou prudente não continuar no mesmo assumpto. Guardou silencio por alguns instantes, e depois baixando os olhos, enrubecendo e movendo com frenesi um bastão, seu leal companheiro, perguntou em voz apenas audível:

—A Luizinha te deu meu recado?

FOLHETIM

RAPTO JUCOSO

ROMANCE POPULAR, HISTORICO

POR

NITIO-ABÁ

(Continuação)

II

Tres palavras quebram uma cadeia.

Aos utimos clarões do dia precedem os ultimos raios do sol, como á labareda multicolor precede o denso fumo azulado. O sol esmorecia aproximando-se do occaso, d'onde lançando os derradeiros raios coloria de rubro as nuvensinhas brancas que se extendiam no oriente. Desaparecendo assim a pouco e pouco sob o horizonte Java ao coração uns tons de melancholia, mas dessa melancholia poetica em que a alma concentra-se para perder-se na doce esphera dos sonhos. Deixamos essa esphera attrahente, seductora, para não desviarmos de nossa palida narrativa. Não imaginamos um um romance, descrevemos um facto. Fujamos, porem, dessa esphera.

Pois bem, era quasi ao por do sol.

Dunamira, a mais velha das filhas de Joaquim, sentada á sombra de uma frondosa cajaseira, descaroçava e abria um pouco de algodão para fiar no dia seguinte, a lá do qual ia cuidadosamente arrumando dentro de uma grande cabaça de bocca circular, cujo diametro era mais ou menos de quinze centimetros.

Ella trabalhava cantando alegremente, como é de costume entre as nossas raparigas da plebe, maximo quando trabalham com agradável disposição. No momento em que ella com mais afincio trabalhava e cantava sem dar por cousa alguma, mesmo que estivesse de si pouco distante, um sexagenario, que parecia basofiar do moço ainda, se lhe approxima-se vagarosamente. Era elle robusto, sadio e bem yigoso; tão amigo do trabalho, quanto hostile contra os preguiçosos de sua familia. Não perdoava a ociosidade, nem os de tal sucia ousavam pedir-lhe obsequios.

«Da preguiça, dizia elle, é que nos veem todos os males». Muito gordo, forte e bem sadio, muito vermelho e bem disposto, fazia ver quanto o trabalho é proveitoso para a saude, não obstante trabalhar com excesso. Teso como se estivesse ainda nos seus vinte e poucos annos, tinha uma força muscular não commum. Nem alto nem baixo, mas